

As atitudes facilitadoras de Carl Rogers no processo de ensino e aprendizagem: um relato de experiência na Educação Profissional

Carl Rogers 'facilitating attitudes in the teaching and learning process: an experience report in Professional Education

Recebido: 27/07/2020 | Revisado:
09/04/2022 | Aceito: 31/01/2022 |
Publicado: 26/08/2022

Fabício Cândido Duarte de Lavor
ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-8964-7027>
CENTEC/CE
E-mail: fabriocdl22@gmail.com

Como citar: LAVOR, F. C. D.; As atitudes facilitadoras de Carl Rogers no processo de ensino e aprendizagem: um relato de experiência na Educação Profissional. *Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica*, [S.l.], v. 2, n. 22, p. 1- 16, e10836, Ago. 2022. ISSN 2447-1801.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 Unported License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Resumo

O objetivo deste trabalho foi compreender como as atitudes facilitadoras desenvolvidas por Carl Rogers interferem no processo de ensino e aprendizado na atualidade. A pesquisa trata-se de um relato de experiência baseado na Abordagem Centrada na Pessoa (ACP). O presente relato ocorreu durante o segundo semestre de 2019, em uma turma do 2º ano do curso técnico em administração. A metodologia adotada, contou com uma pesquisa bibliográfica e uma ação desenvolvida em sala com base na teoria estudada. Por último, o trabalho utilizou-se da Análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), objetivando estudar a fala dos depoentes e refletir sobre os dados apresentados. Depreende-se das análises, que a autonomia adquirida pelos discentes, estimula na busca pelo o aprendizado e contribui para responsabilidade nos estudos. O relato se mostrou positivo como alternativa para efetivação de teorias relacionadas a aprendizagem.

Palavras-chave: Autonomia. Administração. Conhecimento. Metodologia. Rogers

Abstract

The objective of this work was to understand how the facilitating attitudes developed by Carl Rogers interfere in the teaching and learning process today. The research is an experience report based on the Person Centered Approach (ACP). The present report occurred during the second semester of 2019, in a class of the 2nd year of the technical course in administration. The methodology adopted included a bibliographic research and an action developed in the classroom based on the studied theory. Finally, the work used the Collective Subject Discourse Analysis (CSD), aiming to study the speech of the interviewees and reflect on the data presented. It appears from the analyzes that the autonomy acquired by the students stimulates the search for learning and contributes to responsibility in studies. The report proved to be positive as an alternative for the realization of theories related to learning.

Keywords: Autonomy. Administration. Knowledge. Methodology. Rogers.

1 INTRODUÇÃO

Apesar dos inúmeros avanços na área educacional ao longo dos anos, o processo de ensino e aprendizado ainda é considerado algo complexo e que instiga diversos educadores pelo mundo e principalmente os professores que estão cotidianamente em sala de aula a buscar novas ferramentas para aperfeiçoar o seu trabalho e garantir uma aprendizagem de qualidade e para todos.

Este trabalho apresenta a teoria humanista e a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), desenvolvida por Carl Rogers, o qual destaca que o processo de ensino e aprendizado deve estar centrado na figura do aluno como protagonista do seu próprio conhecimento. Segundo o autor, todo indivíduo tem em si um conhecimento intrínseco que precisa ser lapidado e encorajado para o seu aperfeiçoamento. Para isso, Rogers, apresenta o professor como facilitador desse processo que deve estar disposto a encorajá-lo e proporcionar um caminho de descobertas, onde a autodisciplina e compromisso pelo conhecimento devem ser prioridade.

As informações contidas neste trabalho é resultado de uma pesquisa bibliográfica e de um relato de experiência, com um grupo de 41 estudantes de uma Escola de Ensino e Educação Profissional, localizada na cidade de Pereiro/CE. O relato tem como ponto de partida responder ao seguinte questionamento: como as concepções Rogerianas, desenvolvidas ainda no século XX, interferem no processo de ensino e aprendizagem, mediante a inúmeros desafios educacionais encontrados atualmente?

O principal objetivo da pesquisa foi compreender como as atitudes facilitadoras desenvolvidas por Carl Rogers interferem no processo de ensino e aprendizado na atualidade, além disso o trabalho objetivou ainda: estudar as concepções humanistas e a teoria ACP, entender o papel do professor no contexto escolar e sua contribuição para uma educação mais democrática e, analisar o protagonismo estudantil, sob a perspectiva do aluno enquanto sujeito ativo na aprendizagem.

Para alcançar os objetivos propostos nesse trabalho, foi necessário desenvolver uma metodologia dinâmica e criativa a fim de atender o propósito do trabalho e as expectativas dos discentes, participantes do grupo. Esta experiência, intitulada “administrando ideias” foi desenvolvida junto aos alunos do 2º ano do Ensino Médio Integrado, do curso técnico em Administração na instituição citada anteriormente, durante o segundo semestre de 2019.

Buscar entender e aplicar determinadas teorias no processo de ensino e aprendizagem, se mostra imprescindível para o docente, pois dentro do contexto educacional, o professor é peça fundamental para o progresso do aluno. Debruçar-se sobre tal temática permitiu ao profissional enxergar novos caminhos de atuação e com isso promover uma prática pedagógica que seja efetiva e que valorize o estudante como membro ativo no processo de ensino e aprendizado rompendo antigos paradigmas e inserindo na sala de aula novas metodologias ativas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O processo de ensino e aprendizado, deve ser um processo pautado numa constante construção do ser humano enquanto ser social e autor da sua própria história, facilitando dessa maneira a sua percepção de mundo. Carl Rogers um dos grandes psicoterapeutas do século XX é tido um grande colaborador no processo educacional, o qual enfatiza a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), considerando o ato de aprender como uma atitude individual e autônoma que o indivíduo precisa desenvolver.

Segundo Lima *et. al* (2018), a teoria Rogeriana abriu caminhos para a educação e proporcionou uma visão mais holística da figura do aluno e do processo educacional como um todo. Para as autoras, a ACP constitui numa abordagem complexa, mas ao mesmo tempo de grande valia para o processo de ensino e aprendizagem. Considerar o aluno como gestor do seu próprio aprendizado é o primeiro passo que se deve ter em mente para de fato aplicar a abordagem no universo escolar.

Tornar o aluno gestor do seu próprio conhecimento, não significa dizer que o mesmo fará o que bem entender na sala de aula, pelo contrário, é proporcionar as ferramentas necessárias para a sua compreensão de mundo e com isso inseri-lo no processo educacional, de modo que ele mesmo busque o conhecimento necessário, e aquilo que de fato o ajudará a se desenvolver no contexto social.

Além trazer o aluno para o centro do processo, como gestor do aprendizado, Rogers destaca o papel do professor como figura primordial enquanto facilitador do conhecimento e da busca por novos saberes. Linhares e Loreto (2015) salientam que o docente deve ser autêntico e honesto quanto aos seus sentimentos, de maneira que transpareça aos alunos a figura de um mestre sem máscaras, dotado de diversos sentimentos e perspectivas que os tornam humanos e sensíveis aos seus anseios.

O professor como ser facilitador no processo educacional, é colocado como aquele que se dispõe e não impõe o seu conhecimento. Durante o desenvolvimento de suas atividades o educador deve proporcionar um ambiente convidativo ao debate e a discussão dos assuntos propostos, tornando o ambiente leve e receptivo para que os alunos se sintam à vontade e dispostos a aprender, buscando dessa forma seus próprios objetivos e criando um caminho próprio para a sua aprendizagem (OLIVEIRA, 2014).

Partindo dessa perspectiva, Carl Rogers apresenta o professor como uma figura empática que deve se colocar sempre no lugar do outro procurando atender as suas respectivas necessidades com apreço, atenção e aceitação, entendendo e respeitando o papel do outro no contexto social. Em outras palavras, o professor deve compreender quando seu aluno não está disposto a assimilar determinados conceitos e procurar entender dentro do seu contexto, quais possíveis iniciativas poderiam reverter tal situação.

A compreensão empática, deve ser portanto uma qualidade intrínseca do educador que deve facilitar o processo de ensino e aprendizagem, rompendo antigos paradigmas e favorecendo o avanço na educação. Numa relação empática, o professor rompe barreiras e estreita cada vez mais os laços entre ele e seu aluno proporcionando-o uma evolução contínua e um amadurecimento de suas próprias

potencialidades, garantindo assim maior autonomia e abertura a novos relacionamentos.

Disseminar novas práticas pedagógicas é um trabalho árduo, contudo, urge para a sociedade, novos avanços que fomentem o protagonismo discente como premissa da evolução do conhecimento. Rogers (1977), já salientava, que quando os educadores deixarem de lado o ensino centrado em apenas conteúdos e passarem a focar no ensino centrado na pessoa, certamente notarão que seus educandos se tornarão mais autônomos para exercerem plenamente sua cidadania.

A quebra de antigos paradigmas, não constitui tarefa fácil. A educação ao longo dos anos, e principalmente no Brasil, vive em constante oscilação e declínio decorrente de uma série de fatores político social que influencia diretamente no processo educacional. No entanto, o processo de ensino e aprendizado centrado na figura do aluno, proposto por Carl Rogers, independe de eventuais grandes programas ou políticas públicas nacionais, que a fomentem, até porque a escola deve ser um ambiente plural de ideias no qual deve haver várias outras teorias que se adequem a determinados ambientes de ensino.

Vale salientar que a prática docente centrada no aluno com base na ACP, pode ser implementada pelo próprio professor, compreendendo que a sala de aula vai além da reprodução de conteúdo e se mostra um ambiente propício para despertar e instigar o aluno a conhecer-se e trabalhar o seu próprio potencial. Escario (2014), apresenta alguns princípios norteadores propostos por Rogers que funcionam muito bem como uma espécie de “manual de instrução” para o docente desenvolver em sua prática diária.

Escario (2014, p. 87 apud ROGERS, 1986) destaca que “o ser humano contém em si uma potencialidade natural para aprendizagem”. Nota-se que o ser humano por si mesmo carrega consigo uma habilidade nato para o processo de aprendizagem, contudo, o mesmo só consegue desenvolver essa habilidade quando é instigado e provocado a trazer à tona o conhecimento preexistente e o aperfeiçoá-lo constantemente ao longo do seu processo evolutivo. Dessa forma, Linhares e Loreto (2015), reforçam afirmando a importância da figura do professor em desafiar os alunos constantemente a buscarem novos conhecimentos e superarem seus próprios limites. O educador é por excelência a ponte que ajuda o educando a alcançar a ampliação da sua capacidade intelectual.

Em toda sua obra literária, Rogers frisa com veemência o protagonismo estudantil e o papel do professor como essa “ponte”, interligando vidas ao conhecimento. Mas algo que chama atenção diz respeito a receptividade do objeto de estudo o qual o discente deve se sentir aberto para acolher de maneira voluntária os conteúdos propostos no currículo escolar. Em outras palavras, o aluno precisa despertar interesse e gostar daquilo que lhe é transmitido, de modo que o mesmo possa utilizar os conceitos apreendidos em sua vida.

Retomando Escario (2014, p. 87 apud ROGERS, 1974), quando destaca que uma aprendizagem ameaçadora sobre si mesmo tende para resistência e traz consigo sérios impactos; a autora afirma, que a forma como o professor desenvolve o seu processo educativo de maneira rígida e centrada apenas em regras e procedimentos, reflete diretamente na ausência de estímulos e no resultado final da aprendizagem do aluno. Não se pode forçar ou ameaçar o educando a adquirir determinados conhecimentos se estes não lhe agradam ou não despertam atenção, o docente tem o

dever de usar da sua compreensão empática, colocar-se no lugar do aluno e desenvolver estratégias condizentes que o faça retomar o interesse e o compromisso pelo conhecimento.

Lima *et al* (2018) vai chamar isso de “aprendizagem socialmente útil”, a qual deve estar intimamente ligada à vida do estudante moderno em seu processo de ensino. Algumas escolas pelo mundo à fora trazem na sua estrutura curricular um método mais flexível permitindo maior participação do aluno no que tange a escolha de determinadas disciplinas para compor a sua grade curricular. Contudo, é de se levar em consideração que tal processo de modernização do ensino requer uma análise minuciosa do cenário, e acima de tudo um itinerário de debates e discussões que possam estar em pauta a adequação estrutural desse método de ensino.

Com base nessa pequena análise do cenário educacional brasileiro, é importante frisar que Carl Rogers valoriza o indivíduo na sua essência por completo e não apenas o seu componente intelectual. Silva *et. al* (2013) afirma que a construção do conhecimento não se limita apenas a inteligência do raciocínio, o ser humano necessita de habilidades linguísticas, corpóreas, musicais, físicas, cognitivas, intrapessoal e interpessoal, de maneira plena. Dessa maneira, é de fundamental importância uma compreensão ampla e atenta sobre as teorias Rogerianas, para que não haja eventuais deturpações e prejuízos no âmbito educacional.

Como mesmo afirmou Amatto e Alves (2016), Carl Rogers idealizou um desenvolvimento completo do ser humano, tanto acadêmico quanto profissional. Portanto, não se pode limitar e restringir o conhecimento e o desenvolvimento do pensamento crítico do indivíduo, pelo contrário, deve-se estimular e procurar desenvolver em si mesmo a autonomia e a autodisciplina pela busca constante do conhecimento. A aprendizagem é algo singular e próprio do indivíduo e cabe a instituição de ensino fomentar práticas pedagógicas em que a subjetividade do aluno seja respeitada e tratada como estímulo, possibilitando assim o desenvolvimento de uma aprendizagem efetiva e relevante para a vida do estudante.

3 METODOLOGIA

O presente estudo realizou-se durante o segundo semestre (agosto a dezembro) do ano de 2019, na Escola de Ensino e Educação Profissional Prof^{ra}. Maria Célia Pinheiro Falcão, na cidade Pereiro /CE, onde os sujeitos da pesquisa foram discentes do 2º ano do Ensino Médio do curso técnico em Administração. O relato contou com um estudo bibliográfico, objetivando estudar as concepções e teorias Rogerianas no campo educacional.

Além da pesquisa bibliográfica, ao final da experiência foi utilizado como método para análise dos resultados, a Análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), que segundo Lefèvre e Lefèvre (2012) trata-se da reunião de fragmentos das falas dos entrevistados os quais são postos em primeira pessoa, dando ideia de coletividade e síntese das falas dos depoentes, por meio de expressões chaves e ideias centrais, nas quais são feitas análises qualitativas e quantitativas, dando profundidade e compreensão a ideia dos respondentes. Segundo Figueiredo, Chiari e Goulart (2013) esse método, permite descrever os pensamentos, opiniões e indagações de um determinado coletivo buscando o aprofundamento do estudo.

Partindo desse pressuposto, afim de poder conhecer na prática a efetividade da teoria humanística e a ACP, foi proposto inicialmente uma ação, intitulada “administrando ideias”, ação esta, que fez parte da disciplina de gestão de projetos, ministrada na turma supracitada. O objetivo da ação era fazer com que os discentes desenvolvessem projetos inovadores, direcionado a um público específico e com uma linha própria de pesquisa.

Além disso, a ação tinha como proposta, possibilitar a autonomia dos alunos na realização de seus projetos, bem como buscar o conhecimento, a partir da curiosidade e do impulso pela pesquisa e investigação. Baseado nas teorias Rogerianas, o professor estava presente na sala, como um mediador da prática docente, no qual orientava os discentes no desenvolvimento das atividades e ao mesmo tempo instigava os alunos a superar os obstáculos.

O primeiro passo para o desenvolvimento da ação, foi a realização de um *brainstorm*, uma tempestade de ideias. Afim de ouvir as opiniões e sugestões que os alunos tinha em relação a disciplina e também, iniciar ali, um processo de construção e amadurecimento das ideias, que mais tarde viria a ser o projeto. Nesse sentido, a dinâmica das aulas consistia na resolução de problemas dos projetos e aplicação teórico prático dos assuntos pertinentes à disciplina. O professor buscava promover um ensino democrático e construtivo valorizando as dúvidas, anseios e perspectivas dos alunos.

Durante a experiência, grupos de estudos foram formados para desenvolvimento das ideias, que durante as aulas, se reuniam para debatê-las e executá-las dentro de cada realidade. Vale salientar que grande parte dos projetos, foram todos desenvolvidos em sala. A primeira etapa da ação, consistiu na apresentação de protótipos e nos resultados da investigação, encontrados até ali. Utilizando-se de uma avaliação construtiva, independente e instigadora, o professor orientava possíveis ajustes e novas fontes alternativas de pesquisa, instigando cada vez novas possibilidades aos discentes.

Decorrida a primeira etapa, observou-se progresso no desenvolvimento dos projetos, tendo em vista as orientações propostas e os avanços realizados pelas pesquisas, aprimorando assim, os seus trabalhos para a etapa seguinte, que viria a ser o campeonato, culminando portanto a ação.

Chegada a segunda etapa, os discentes conseguiram fazer os ajustes necessários e apresentar os projetos idealizados lá atrás, quando ainda era apenas uma ideia abstrata. O campeonato fazia parte da ação, como um requisito importante, no qual pudesse incentivar a busca pelo conhecimento, por meio de uma competição saudável e que ao mesmo tempo pudesse valorizar o protagonismo estudantil e o discente enquanto agente transformador da sociedade e da sua própria história.

Ao término da ação, foi realizado uma pesquisa, baseada no método DSC, com o propósito de alcançar os objetivos idealizados nesse trabalho e conhecer a fundo o posicionamento dos discentes, enquanto participantes do experimento bem como o papel do professor enquanto mediador nesse processo. Para tal feito, foram disponibilizadas perguntas abertas e fechadas no *Google Forms*, para obtenção dos dados.

4 ANÁLISES E DISCUSSÕES

Seguindo a metodologia de Lefèvre, Lefèvre (2012), os quadros a seguir apresentam as falas do depoentes ressaltando a ideia central do discurso e na sequência, os discursos síntese correspondente a cada ideia. Seguida dos discursos, as análises acompanham ainda, um gráfico explicativo mostrando o quantitativo de ideias centrais mais relevantes. A partir dos dados expostos, buscou-se compreender se a experiência relatada, alcançou ou não, os objetivos propostos inicialmente.

Quadro 1: Ideias centrais e discursos síntese sobre a autonomia nos estudos

CATEGORIAS DE ANÁLISE E DISCURSO SÍNTESE
ATITUDES COOPERATIVAS
SIM. Durante as aulas da disciplina de gestão de projeto, me sentia autônomo para realizar pesquisas referentes a ideia desenvolvida e também construía junto com o professor as atividades propostas. A ação fez com que obtivéssemos bastante conhecimentos diferentes e baseado naquilo que queríamos de fato pesquisar. As aulas funcionavam como uma espécie de laboratório, onde junto com os colegas discutíamos soluções em conjunto, afim de colocar em prática nossas ideias. Por algumas vezes sentia dificuldade em pesquisar e resolver determinadas situações do projeto, por não está acostumado com essa metodologia, mas, o professor estava sempre encorajando e auxiliando a buscar o protagonismo. Discutíamos juntos as ideias, o que me tornava coparticipante da aula. O formato das aulas e a disposição das carteiras, que eram em círculo ou em grupos de estudo ajudava-nos a se tornar mais ativo na aula.
ENTENDER SEU PAPEL NA APRENDIZAGEM
SIM. As aulas eram muito abertas para nós estudantes participar, isso ajudava a se sentir mais presente na aula, e saber que nossa opinião contava. A didática empregada pelo professor, fez com que entendêssemos que o aluno é capaz de construir seu próprio conhecimento e não esperar apenas pela explicação do professor. Quando escolhemos aquilo que desejamos pesquisar, sentimos responsável por entregar um trabalho bem feito e mostrar que somos capazes e fazer nosso papel.
TOMAR DECISÕES
Sim. A metodologia disposta nas aulas, me deixou mais autônomo no desenvolvimento dos estudos, e conseqüentemente mais responsável por tomar decisões em relação ao projeto. Com a autonomia vem a responsabilidade, tinha muito medo de tomar uma decisão errada e prejudicar toda a minha equipe. No decorrer das aulas o professor sempre orientava a tomar decisões assertivas para não pôr em risco o projeto, principalmente no tocante ao planejamento financeiro. Uma das coisas que ajudou nesse processo de autonomia nos estudos era o diálogo, tanto entre os colegas do grupo, quanto com o professor, isso fazia com

que me sentisse mais confiante e assim poderia tomar as decisões corretas enquanto líder do time.

Fonte: dados do estudo (2019).

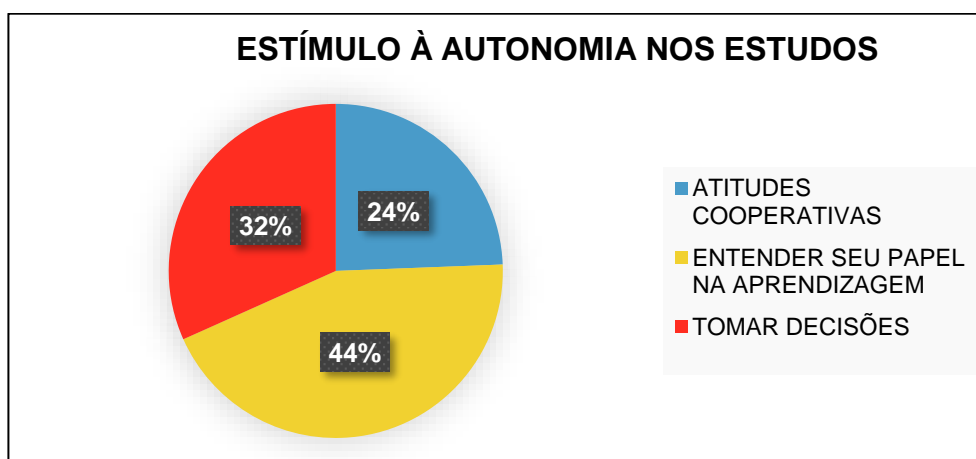
Os dados apresentados no quadro 1 referem-se ao questionamento sobre o fato da metodologia empregada na ação ter estimulado ou não a autonomia dos discentes em seus estudos. Conforme as falas relatadas, observou-se que a metodologia centrada na pessoa humana, proposta por Rogers (1977), garante de fato a autonomia nos estudos e ainda permite que os estudantes desenvolvam outras habilidades que certamente os ajudarão na vida futura.

Debruçando-se sobre as ideias centrais apresentadas, a autonomia possibilita ao discente compreender seu papel no processo de aprendizagem, e com isso vem a responsabilidade e a capacidade de tomar decisões assertivas, frente aos desafios que lhe são propostos. Outra informação importante disposta na fala dos discentes, contida como ideia central, diz respeito as atitudes cooperativas que estão diretamente relacionadas a sua participação de modo ativo nas aulas.

Diante do discurso, foi possível perceber que alguns discentes sentiram dificuldade em desenvolver sua própria autonomia pelo fato da metodologia ser “nova”. Contudo, salienta-se que as atitudes cooperativas entre aluno, professor e colegas em sala, permitiu que os desafios fossem superados. Essas atitudes cooperativas, vão de encontro com que Silva et al (2013), salienta, que, o estímulo pela busca do conhecimento, não se limita apenas no seu componente intelectual e de raciocínio, mas também tem a ver com as relações interpessoais que são desenvolvidas pelo meio e estimulam a superação.

O gráfico a seguir, apresenta a distribuição das ideias centrais contidas em todos discursos e suas devidas categorias de análise.

Gráfico 1: Estímulo à autonomia nos estudos



Fonte: dados do estudo (2019)

Observando o gráfico, denota-se que ambas as ideias extraídas nos discursos se mostram bem equilibradas. Salienta-se com isso, que o processo de autonomia nos estudos, na visão dos discentes, permite entender melhor o seu papel na

aprendizagem, de modo que o aluno passou a ter uma visão mais holística sobre ensino e sua valorização enquanto sujeito ativo.

Diante dessa análise depreende-se que o primeiro objetivo deste trabalho foi de fato alcançado, levando em consideração que o estímulo a autonomia do discente é tida como uma das principais atitudes facilitadoras de Cal Rogers, o que permite que o aluno, entenda a sua participação no processo e fomente a tomada de decisão para alcance de suas próprias metas.

Quadro 2: Ideias centrais e discursos síntese sobre o desempenho do professor e sua prática docente em sala

CATEGORIAS DE ANÁLISE E DISCURSO SÍNTESE
METODOLOGIA ATIVA
A prática docente era sempre dinâmica e centrado no aluno. Sua metodologia era sempre muito interativa, e permitia que pudesse participar de modo ativo. Ao final de cada aula, ele sempre realizava uma breve avaliação, para corrigir algumas falhas. Em suas aulas, trazia o conteúdo bem esquematizado e sua metodologia era bem ativa, não ficava parado. As aulas sempre iniciava com uma explicação teórica do conteúdo, e logo em seguida já partia para a prática, isso facilitava muito a entender a matéria.
POR MEIO DO DIÁLOGO ABERTO
As aulas com o professor eram bem interativas, era possível um diálogo franco entre ele e os membros da equipe. Antes de qualquer tomada de decisão relacionado ao projeto, era sempre feito um debate entre os membros da equipe, para que cada um de forma democrática, pudesse apresentar seu ponto de vista. A maneira como o professor se expressava na sala, permitia que as explicações fossem sempre democráticas e com a contribuição do nosso conhecimento de mundo. As discussões no grupo eram sempre acaloradas, mas, os objetivos só são alcançados depois de muito debate. Algumas dinâmicas de grupo, ajudava no poder de persuasão e de conciliação, quando a equipe precisava tomar alguma decisão importante.
ATIVIDADES EM SALA DE AULA
As atividades realizadas em sala eram diferentes do método tradicional, em vez de perguntas e respostas sobre o conteúdo, já íamos colocando em prática os conceitos apresentados. Quase não levava atividade para casa, exceto alguns experimentos do projeto. As atividades propostas eram sempre muito auto didática e conseguia fazer em equipe. Em quase todas as atividades era possível fazer uma ligação entre a realidade do projeto e sua aplicação na sociedade. No início achava estranho as propostas de atividades, mas depois fui entendendo que por essa metodologia era possível aprender mais, pois não contava com tudo pronto, era preciso pesquisar.

Fonte: Dados do estudo (2019).

O quadro 2 trata da percepção dos discentes, quanto ao desempenho do professor em sala de aula e a sua prática docente no diz respeito a condução da

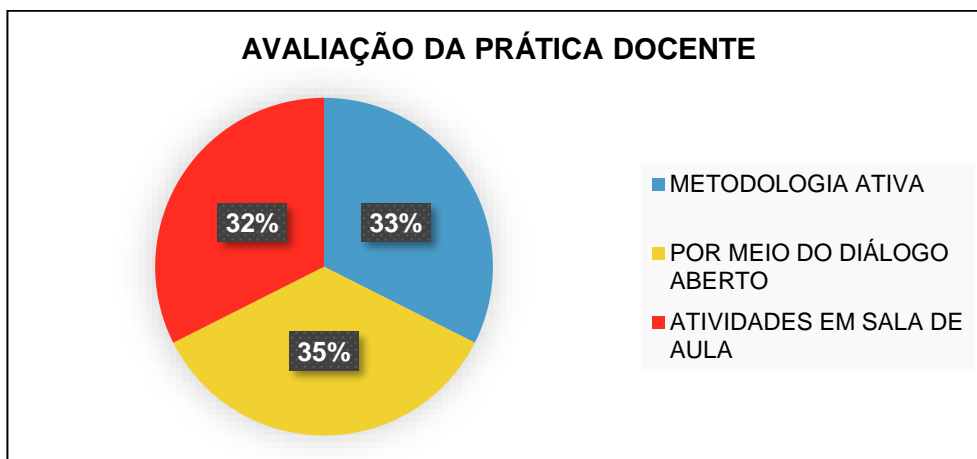
disciplina. Nos discursos apresentados, é possível verificar que a ideia de metodologia ativa identificada pelos discentes, diz respeito a didática apresentada pelo professor, bem como os recursos metodológicos esquematizados, que permitia a imersão na teoria e prática da disciplina, colocando o aluno como centro do ensino.

Na perspectiva de um ensino didático, nota-se ainda a presença do diálogo aberto. O professor atua aqui como uma peça chave entre os seus interlocutores, agindo como ponte no processo de ensino e aprendizado, conectando o conhecimento ao aluno, por meio do diálogo e do debate interativo (LINHARES E LORETO (2015). Escario (2014), ressalta que uma educação ameaçadora e centrada apenas no professor, inviabiliza o estímulo pela aprendizagem, por isso a importância de viabilizar um ensino democrático em que se escute os anseios e debata junto as soluções.

No tocante as atividades e exercícios, por muitas vezes estão enraizados na mente dos alunos, como a mera reprodução de conceitos. A terceira ideia apresentada pelas falas, apresenta esse pensamento e ao mesmo tempo reforça a importância do estímulo pela busca do conhecimento e pela prática dos conceitos apreendidos, de modo que o ensino profissional não se torne apenas reprodução de técnicas, mas também, construção e aplicação de tais técnicas na sociedade. “O ser humano contém em si uma potencialidade natural para aprendizagem” (ESCARIO 2014, p. 87 apud ROGERS, 1986), que deve ser estimulada frequentemente pelo docente, para progresso do aluno.

O gráfico a seguir, mostra de forma esquematizada a fala dos depoentes, classificando cada uma das ideias centrais, conforme a frequência dos discursos.

Gráfico 2: Avaliação da prática docente e ensino democrático



Fonte: Dados do estudo (2019)

De acordo com o gráfico, ambas as ideias destacadas anteriormente sobre a avaliação da prática docente na condução da disciplina e um ensino democrático, encontra-se com um nível de frequência bem equilibrado. Ao analisar os dados, fica claro que a metodologia ativa, o diálogo aberto, e a dinâmica das atividades em sala, são itens fundamentais, que na visão dos discentes, validam de forma positiva o método empregado na condução da disciplina.

Depreende-se pois, que o papel do professor em sala de aula deve estar conectado com os anseios dos estudantes e atento as suas respectivas necessidades, visando portanto, ajudá-los e favorecer um clima de acolhimento que seja propício à aprendizagem.

Em consonância com os dados do quadro 2, o quadro 3 ressalta a seguir, o posicionamento dos sujeitos acerca do quanto a metodologia empregada nas aulas possibilitava um ambiente acolhedor e convidativo para o esclarecimento de dúvidas, levantamento de ideias, sugestões, etc.

Quadro 3: Ideias centrais e discursos síntese sobre o um ambiente convidativo e seguro para levantar questionamentos, esclarecer dúvidas e expor ideias

CATEGORIAS DE ANÁLISE E DISCURSO SÍNTESE
DINAMISMO E PARTICIPAÇÃO
SIM. Tornou-se um momento de dinamismo entre a turma onde obtivemos bastante conhecimentos diferentes. Durante as aulas criou-se um ambiente para que ficássemos bem à vontade para esclarecimentos de dúvidas e também proporcionava um ambiente convidativo para debates sobre o andamento dos projetos. Em coletivo, e com auxílio do professor, exploramos muito sobre os devidos projetos, a medida que nos era cedido um espaço para debatermos com o nosso grupo as nossas próprias ideias. Sempre tivemos um momento na aula em que tirávamos as dúvidas e discutíamos novas ideias. Por ser um professor dinâmico, o aprendizado era compartilhado e todos expressavam opiniões
LIBERDADE PARA DISCUSSÃO
SIM. As aulas eram abertas para nós estudantes participar. Em todas as aulas podíamos opinar e participar diretamente Das discussões. Sempre que queríamos demonstrar nosso ponto de vista era permitido e ouvido. Tínhamos liberdade para expor nossas ideias e questionamentos no decorrer das aulas, bem como para entrar em contato com o professor e tirar qualquer dúvida.

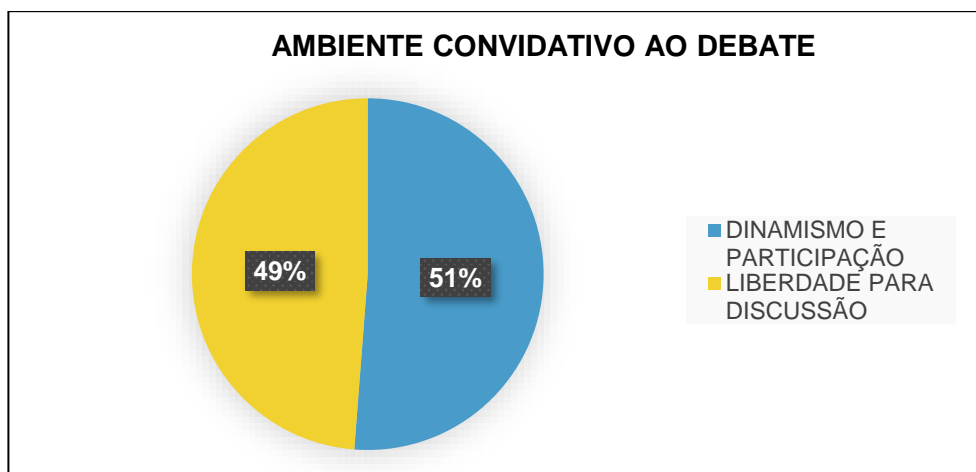
Fonte: dados do estudo (2019).

Segundo Oliveira (2014), o professor enquanto sujeito articulador das aulas, deve garantir um ambiente aberto ao diálogo e propício para a discussão de ideias. Com base nos relatos, é possível verificar que a metodologia empregada na disciplina possibilitava esse ambiente convidativo e com isso os alunos sentiam-se mais à vontade para até mesmo interagir nas discussões propostas.

As ideias apresentadas nas categorias de análise, apresentam basicamente o mesmo sentido, e a sua eventual repetição, reforça que de fato as aulas proporcionavam esse ambiente receptivo para a articulação de ideias. Importante destacar, que a cada aula havia um espaço destinado para ouvir o andamento dos trabalhos e com isso está sempre em constante avaliação, buscando aperfeiçoar o ensino.

O gráfico abaixo, reforça a discussão e permite entender estatisticamente a distribuição das ideias.

Gráfico 3: As aulas proporcionava um ambiente convidativo ao debate



Fonte: dados do estudo (2019)

Ao observar o gráfico, nota-se claramente que as aulas proporcionavam de fato um ambiente convidativo ao debate e até mesmo para a construção das aulas junto ao professor. As ideias contidas no gráfico, são complementares e apresentam basicamente o mesmo percentual.

O gráfico 2 e 3 evidencia que o objetivo 3 deste relato que era entender o papel do professor no contexto escolar e sua contribuição para uma educação mais democrática, foi alcançado. Depreende-se, que o papel do professor é viabilizar um ambiente participativo e não impositivo em sala, de modo que alunos tornem-se parte integrante na aquisição do conhecimento. Destaca-se também como premissa desse papel, o reconhecimento do docente enquanto ponte e elo de ligação capaz de convergir diversos pensamentos num único propósito.

A seguir, o quadro 4 expõe as opiniões expressadas pelos discentes, no tocante ao desenvolvimento do protagonismo estudantil.

Quadro 4: Ideias centrais e discursos síntese sobre o estímulo ao protagonismo estudantil

CATEGORIAS DE ANÁLISE E DISCURSO SÍNTESE
TRABALHO EM EQUIPE
Me ajudou tanto na parte de trabalho em equipe quanto na parte profissional, de modo que o campeonato, permitiu enxergar a equipe do projeto como se fosse a minha futura equipe no mercado de trabalho e isso estimulou demais meu protagonismo. A ação me ajudou a entender o outro e isso me estimulou a respeitar as ideias e pensamentos contrários ao meu e proporcionou trabalhar mais unido com os colegas e estimular iniciativas próprias. Permitiu ainda que compartilhássemos ideias autônomas e com isso passamos a ter espírito de liderança para administrar as nossas ideias e conduzir a equipe.
ESTÍMULO AO EMPREENDEDORISMO

Com a realização do campeonato e o desenvolvimento do projeto ficava cada vez mais evidente que com o passar do tempo nós podemos fazer a diferença mesmo em pequenas coisas. O campeonato permitiu que compartilhássemos ideias autônomas e estimulado pelo empreendedorismo juvenil que buscava mais conhecimentos e melhorias, sem contar, de que colocávamos em prática a aula teórica proposta. Motivou a aplicarmos ideias positivas para a sociedade.

RESPONSABILIDADE

Ensinou a ter mais responsabilidade, passamos a ter espírito de liderança para administrar as nossas ideias. No decorrer das aulas o professor nos ajudou, a ter mais responsabilidade dando a oportunidade de atuar junto da aula, a cada etapa na realização do projeto, me sentia responsável por realizar aquela tarefa de maneira correta para garantir o sucesso da equipe. O campeonato estimulou a medida que colocou o aluno como centro de seu aprendizado, o colocando como igualmente responsável pelo seu aprendizado, nos tornando seres pensantes e administradores de nossas próprias ações.

Fonte: Dados do estudo (2019).

Ao serem questionados se a ação estimulou o desenvolvimento do protagonismo estudantil, salta-se nos discursos, o trabalho em equipe, o empreendedorismo e a responsabilidade, como ideias basilar do protagonismo e da experiência vivenciada na ação. De acordo com os relatos, o campeonato se mostrou etapa importante para a construção do trabalho em equipe e de uma competição saudável, onde o respeito e o diálogo entre os participantes foram fatores decisivos para o sucesso do trabalho.

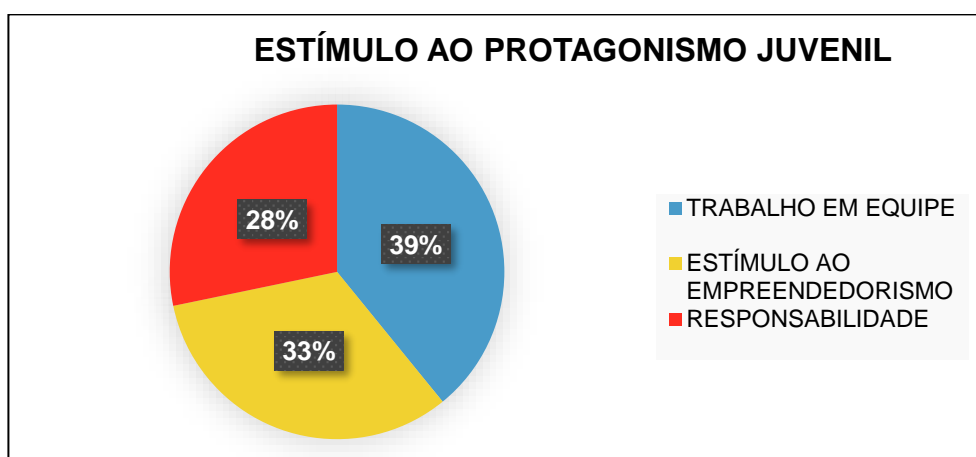
Cabe destacar ainda, que o trabalho em equipe ajuda a preparar o discente para o ingresso no mercado de Trabalho e lidar com ideias e pensamentos divergentes, num mercado altamente competitivo, é o que Lima *et al* (2018) vai chamar isso de “aprendizagem socialmente útil”, a qual deve estar intimamente ligada à vida do estudante moderno em seu processo de ensino.

Emerge, na categoria estímulo ao empreendedorismo, a capacidade que o aluno tem de desenvolver produtos, ideias e soluções concretas que contribui para o desenvolvimento da sociedade. Amatto e Alves (2016), reforçam a ideia de Carl Rogers de que o conhecimento humano deve ser completo, tanto do ponto de vista acadêmico, quanto profissional. Dessa maneira, o empreendedorismo vai de encontro ao relato, uma vez que o mesmo expande os conhecimentos acadêmicos e permite que o indivíduo enxergue os problemas ao seu redor, viabilizando assim soluções concretas para tal.

A ideia de responsabilidade, sempre relatada nos discursos, evidencia a participação direta do aluno no processo de ensino e o torna agente de mudança capaz de transparecer maturidade e coerência em suas atitudes.

O gráfico 4, detalha de maneira estatística, a distribuição da frequência dos relatos descritos anteriormente.

Gráfico 4: Estímulo ao protagonismo juvenil



Fonte: Dados do estudo (2019)

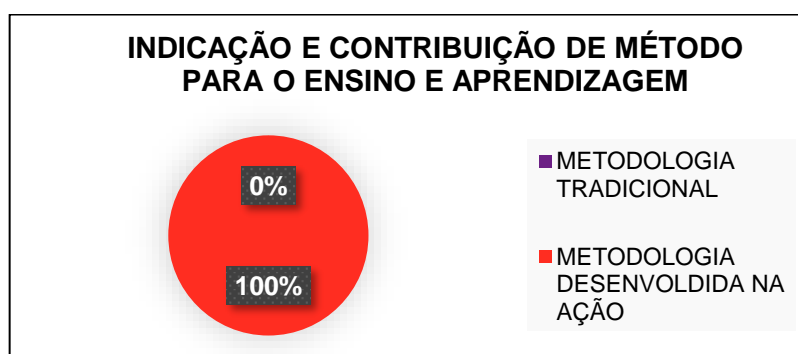
As categorias trabalho em equipe e estímulo ao empreendedorismo se destacam com percentuais similares, seguido da responsabilidade. Como é possível observar, o protagonismo estudantil inspira o trabalho em equipe e ajuda os jovens a desenvolver o diálogo e a tolerância entre os integrantes do grupo.

O campeonato, que desafiou os limites dos discentes estimulou o empreendedorismo, e a criatividade pela busca de soluções inovadoras, reforçando a ideia de que quando há uma ambiente de competição saudável visando o bem comum, todos são considerados ganhadores.

Logo, conforme as informações concedidas nos diálogos, o objetivo 4 deste relato, que visava analisar o protagonismo estudantil, foi alcançado. Segundo a fala dos depoentes, quando o aluno é estimulado, desafiado e colocado como centro do processo de ensino e acompanhado de maneira interativa o protagonismo aflora como consequência da responsabilidade adquirida e da participação direta na resolução de problemas.

O gráfico a seguir, que conclui o estudo, apresenta a indicação do melhor método de ensino, que na visão dos discentes, garante uma melhor aprendizagem.

Gráfico 4: Indicação e contribuição de método para o ensino e aprendizagem



Fonte: Dados do estudo (2019).

Conforme a experiência vivenciada, a metodologia de ensino e aprendizagem centrada na pessoa humana foi considerada por unanimidade pelo grupo participante do relato, na instituição em questão, como um método positivo e capaz de contribuir com o processo de ensino e aprendizado, uma vez que estimula a prática da teoria e coloca o aluno como membro atuante no ensino.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme estudo apresentado, é possível observar que a teoria Rogeriana concentra em sua essência uma preocupação voltada para a figura do aluno, e o apresenta como peça chave para o processo de ensino e aprendizado. Do contrário que muitos pensam em que o professor é o centro do conhecimento, Rogers enfatiza que é o próprio aluno quem promove o processo a partir da sua participação efetiva e de seu protagonismo na construção das aulas.

Apesar do professor não ser colocado ao centro de toda a cadeia educativa, mas ele desempenha papel fundamental, como sendo a ponte que conecta o aluno ao conhecimento; incentivando-o, promovendo a autodisciplina, a confiança, e acima de tudo o promovendo enquanto ser humano e cidadão ativo na construção do seu próprio pensamento crítico e participação na sociedade.

Desenvolver tal prática no cotidiano da sala de aula pode ser encarado como um grande desafio, mas não como algo impossível, até porque é função do docente buscar métodos e ferramentas teóricas que garantam de fato uma aprendizagem de qualidade e efetivamente comprometida com o progresso discente. Ao término deste relato, foi possível comprovar que a teoria da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), de fato contribui para o processo de ensino e aprendizagem e estimula o aluno pela busca do conhecimento. Mesmo diante dos inúmeros desafios educacionais, a experiência se mostrou positiva na modalidade de Educação Profissional e houve adesão da turma nesse processo de se redescobrir novos métodos de aprendizagem.

Dessa forma, estudar o pensamento e a visão de Carl Rogers sobre o universo educacional e os princípios do processo de ensino e aprendizagem, permitiu uma profunda reflexão e uma visão holística sobre o real papel do estudante, enquanto gestor do seu próprio conhecimento, e mais ainda, serviu de fundamento para que demais profissionais se sintam motivados em buscar construir uma educação mais democrática e equilibrada, onde a busca do conhecimento seja visto como algo empolgante e instigante, e não como mera obrigatoriedade do sistema.

REFERÊNCIAS

AIRES, Ana Paula de Oliveira *et al.* **Implicações da teoria humanística de Carl Rogers no processo de ensino e aprendizagem de física. Um relato de experiência.** II Congresso Nacional de Educação- CONEDU. Campina Grande- PB, 2015.

AMATTO, L.L.; ALVES, V.L.P. Uma reflexão a respeito da educação inclusiva e medicalização da infância a partir das ideias de Carl Rogers sobre educação.

Memorandum, p.224-242, 2016. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/a30/amattoalves01/>>. Acesso em: 10 jul. 2019

ESCARIO, Silvana. Concepção humanista (Cal Rogers): como recurso de atuação na educação para o trânsito- aprendizagem contextualizada. **Revista @rquivo brasileiro de educação**, Belo Horizonte- MG, v.2, n.3, jan- jun, p. 83-95, 2014.

FIGUEIREDO, Marília; CHIARI, Brasília M; GOULART, Bárbara N. G de. **Discurso do sujeito coletivo**: uma breve introdução à ferramenta de pesquisa qualitativa. *Distúrb comum*. São Paulo, 25(01): 129-136. Abril, 2013.

LEFEVRE, Ana Maria; LEFEVRE, Fernando. **Pesquisa de representação social**: Um enfoque quali-quantitativo. 2ed. Brasília: Liber Livro, 2012.

LIMA, Letícia Dayane; BARBOSA, Zildete Carlos Lyra; PEIXOTO, Sandra Patrícia Lamenha. Teoria Humanista: Cal Rogers e a educação. **Revista ciências humanas e sociais**, Alagoas- AL, v. 4, n.3, p. 161-170, 2018.

LINHARES, Patrícia Vendramin; LOREDO, Cintia de Castro. **Aprendizagem centrada na pessoa: contribuições do professor facilitador sob o enfoque Rogeriano**. 15º Congresso Nacional de Iniciação Científica- CONIC SEMESP. Ribeirão Preto- SP, 2015.

OLIVEIRA, Cleber Gomes de. **A Compreensão Empática como Agente Facilitador no Processo de Aprendizagem**. Disponível em: <<https://psicologado.com.br/atuacao/psicologia-escolar/a-compreensao-empatica-como-agente-facilitador-no-processo-de-aprendizagem>>. Acesso em: 11 jul.2019.

ROGERS, Carl. **A Terapia Centrada no Paciente**. Lisboa: Moraes Editores, 1974.

ROGERS, C. R. **Liberdade para aprender**. 4. ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1977.

ROGERS, Carl. **Liberdade de Aprender em Nossa Década**, 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

SILVA, E.M; MORAIS, J.A; BARBOSA, I.S. As implicações da Teoria de Carl Ransom Rogers para a Educação em ciências. **Revista Amazônica de Ensino de Ciências**, Revista **ARETÉ**, Manaus, v.6, n.10, p.63-72, 2013.